

O que é Eternit?



Eternit tem sido: o nome de dúzias de empresas de fabricação e vários produtos de construção; um grupo industrial multinacional dominante, dois conglomerados de amianto globais, uma marca, uma patente e um termo genérico; em muitos mercados, a palavra “Eternit” é usada para denotar um gama de produtos de construção de cimento de amianto, independente da marca comercial. Mas Eternit é mais, muito mais do que foi descrito nas sentenças precedentes; durante os últimos cem anos, estas sete letras chegaram a representar um processo de produção que usa e elimina seres humanos como parte do ciclo de fabricação.

1. A ETERNIT E O CARTEL SAIAC

Bob Ruers¹

A multinacional suíça Eternit, gerenciada pela família Schmidheiny, e a multinacional belga Eternit, sob a direção da família Emsens, estiveram entrelaçadas estreitamente e cooperaram uma com a outra por quase setenta anos. Com o intuito de continuar e defender seus interesses no amianto, e principalmente seus interesses no cimento de amianto, elas fizeram uso de um cartel mundial, assim como acordos de preços e mercado.

Cimento de Amianto

O uso mais importante de amianto indubitavelmente tem sido na produção de cimento de amianto usando o método patenteado por seu inventor austríaco Ludwig Hatschek em 1900.² Hatschek chamou seu novo material “Eternit” e registrou o nome. Como o cimento de amianto geralmente consiste de 10 a 20% de amianto com quase todo o resto sendo cimento, além do amianto bruto um suprimento pronto de cimento é requerido em sua produção. Neste sentido, é significativo observar que o empresário suíço Ernst Schmidheiny tinha estabelecido já em 1910 um cartel de cimento na Suíça, e que em 1930 ele teve sucesso, por meio da empresa de propriedade financeira Holderbank Financière,

As primeiras fábricas de cimento de amianto após a chegada do processo de Hatschek foram:

Niederurnen	Suíça	1903
Poissy	França	1904
Ambler, Pa	EUA	1905
Haren	Bélgica	1905
Lomma	Suécia	1906
Casale Monferrato	Itália	1907
Baku, Lublin, Rostow	Rússia	1908
Braila	Romênia	1910

(fonte: D. Steiner, Architektur Beispiele Eternit, 1994, p. 25-26.)

em trazer para seu controle grandes participações em cimento em todos os cantos do mundo.

O empreendedor belga Alphons Emsens foi, em 1905, um dos primeiros a obter uma licença para o processo de Hatschek. Emsens foi ao mesmo tempo capaz de adquirir uma licença do mercado britânico com duração de 18 anos, e fundou lá a firma de G.R. Speaker.³ Emsens foi proprietário de uma empresa de materiais de construção e

tinha uma participação significativa na firma de cimento de Antuérpia Cimenterie et Briquetterie Réunis (CBR). Em 1922, Ernst Schmidheiny e Alphons Emsens encontraram-se pela primeira vez e sua relação comercial deu início a um período de quase 70 anos de cooperação intensa e lucrativa entre duas famílias empresariais poderosas nas áreas de cimento, amianto e cimento de amianto. Schmidheiny obteve grande parte de ações na firma de cimento de amianto de Emsens e um ano depois Schmidheiny adquiriu participação na CBR. Outro importante produtor de cimento de amianto na Europa Ocidental, o empresário francês Joseph Cuvelier, também tinha histórico em materiais de construção e cimento. Em 1922, Cuvelier entrou em contato com o fabricante da Eternit Belga Jean Emsens, que planejava fundar uma fábrica de cimento de amianto na França. Cuvelier e Emsens firmaram um acordo e decidiram fundar tal fábrica juntos, o que fizeram em setembro de 1922, tendo a nova fábrica iniciado produção em Prouvy antes do final daquele mesmo ano [1],

Formação de Cartel

Em 1929, Ernst Schmidheiny, junto com a multinacional britânica do amianto Turner & Newall (T&N), fundou o cartel Internationale Asbestzement AG, “SAIAC” [2]. O autor suíço W. Catrina disse o seguinte sobre o cartel em 1985:

“O que Schmidheiny, no campo de cimento e tijolos já tinha conquistado, a saber unindo os produtores em cartéis, após a guerra ele passou a fazer também em relação aos produtores de cimento de amianto.” [3]

O cartel SAIAC foi, junto com o Grupo Eternit de Schmidheiny, fundado em Niederurnen, Suíça. Os fabricantes da Eternit da Áustria, Grã-Bretanha, Espanha, França, Bélgica, Itália e Suíça participaram na constituição do SAIAC [4], o primeiro projeto do SAIAC foi o estabelecimento em 1929 da Duitse Asbest-Zement AG (DAZAG), uma empresa da Eternit em Berlim. Schmidheiny recebeu 27% das ações desta nova empresa, a empresa Eternit Belga, sob a direção de Emsens, recebeu 23%, e as ações restantes foram divididas entre outros participantes. Que nesse momento já existia uma relação próxima entre os membros do SAIAC e a Johns-Manville (J-M), a maior produtora de amianto dos Estados

¹ Bob Ruers é advogado nos Países Baixos especializado em litígios envolvendo amianto. Ele é também o consultor jurídico do Comitê Holandês de Vítimas do Amianto e membro do Senado Holandês. Ele atualmente está finalizando sua tese de PhD sobre a regulamentação do amianto nos Países Baixos. E-mail: ruers@woutvanveenadvocaten.nl.

² O autor canadense Cirkel em 1905 disse o seguinte sobre a patente de cimento de amianto de Hatschek: “Uma nova invenção que provavelmente revolucionará todos os sistemas de telhado foi recentemente patenteada na Áustria.”

³ Quanto a Speaker, a Eternit Building Products Ltd. disse à Comissão Simpson em 1976 que era uma firma: “... que iniciou operações comerciais em 1903 como importadora de materiais manufaturados de cimento de amianto da Eternit Bélgica, e os importava desde então, exceto durante a intervenção das Guerras Mundiais.”

Unidos e proprietária da maior mina de amianto no Canadá, é provado pelo fato que a J-M tinha posse de 10% da Eternit Alemanha. Além das empresas da Eternit, a T&N, que mantinha, entre outras coisas, participações relativamente amplas em minas de amianto na África do Sul, foi um participante importante do cartel. Em seu relatório anual para 1929, a T&N explicou sua decisão de participar do cartel de amianto:

“Tornamo-nos uma parte tão ampla de toda a indústria Nacional, que fomos capazes de providenciar com os principais fabricantes de dez países europeus um Cartel Internacional. A posição da Indústria de Cimento de Amianto na Europa está portanto distribuída, e esperamos grandes benefícios por meio de aprimorada técnica e que economia resulte a todos os envolvidos. Esta Liga das Nações em miniatura tem um grande futuro ante ela, posto que é baseada no princípio da ajuda mútua, que agora remove a atmosfera anterior de desconfiança e suspeita.

Capitalistas em tais condições são bem-vindos pelo Governo do País. Eles não são considerados parasitas, mas, ao invés disso, uma das forças construtivas primárias das quais a evolução da civilização depende.”

A T&N também entrou em detalhes sobre os planos de longo prazo do cartel SAIAC:

“Os objetos deste cartel são, entre outras coisas:

- a troca de conhecimento técnico,
- o estabelecimento na Suíça de um Instituto de Pesquisa para toda a indústria,
- a fundação de novas fábricas em países neutros,
- a organização dos negócios de exportação,
- a padronização da qualidade, e a redução ao mínimo de variedade desnecessária no produto;
- assistência mútua para garantir as matérias-primas necessárias nos melhores termos.

Aqui, novamente, nosso objeto é prover melhor serviço e melhor valor ao consumidor, já que reconhecemos que somente assim fazendo podemos justificar nossas atividades e conservar a confiança pública.” [5]

Sobre a cultura comercial do SAIAC nas primeiras décadas, Catrina tinha isto para dizer:

“O cenário internacional da Eternit dos anos 1920 e nos anos 1930 assemelhava-se a um clã no qual

alguns membros estavam casados uns com os outros, enquanto outros estavam relacionados ou tinham tornado-se amigos como resultado de seus interesses comuns. Durante as reuniões da ‘família’ SAIAC, as pessoas não punham suas cartas na mesa, pois os negócios com este material bem sucedido, amianto, eram uma questão privada. Com base nas conexões e relações internas deste período entre as duas guerras, as filiais da Eternit no oeste industrializado continuam até hoje a ser dominadas por certas famílias poderosas de industrialistas, para quem compromissos financeiros mútuos, no clima desafiante dos anos 80, significam hipotecas cada vez maiores.” [6]

Após 1929, a posição da corporação Eternit Suíça cresceu firmemente. Originalmente, o negócio da família Schmidheiny representava somente uma pequena porcentagem do cartel, mas após quinze anos ele tinha obtido um terço do total. Via o SAIAC, as multinacionais de amianto suíça e belga estiveram também em posição de firmar acordos significativos para amianto bruto. Em 1925, os Grupos Eternit sucederam até mesmo em obter uma concessão do governo soviético para o direito de explorar uma mina de amianto nos Montes Urais, em conjunto com o empresário americano Armand Hammer (1898-1990) [7]. Em 1932, os três maiores países produtores de amianto - Rodésia, Canadá e União Soviética - chegaram a um acordo em princípio em uma reunião em Londres e fundaram conjuntamente a empresa Raw Asbestos Producers Ltd. Nisto, o diretor-gerente da T&N, W. Shepherd desempenhou um papel importante. Em seu relatório de julho de 1933 Shepherd disse o seguinte sobre a situação acerca de amianto bruto no Canadá e nos EUA:

“Na conferência de produtores de amianto organizada em Londres em julho de 1932, pareceu provável que se não houve nenhum embargo sobre a fibra da Rússia no mercado dos Estados Unidos, os russos estariam preparados a concordar com um esquema da cooperação com a Rodésia e o Canadá com base na divisão igual dos mercados mundiais entre estes grupos de produtores, sendo a Rodésia um grupo, a Rússia um segundo e todos os produtores no Canadá e nos EUA o terceiro... Em março de 1933, o embargo sobre a fibra russa no EUA foi removido pela administração Democrática recém instalada, e assim o obstáculo à participação da Rússia em um esquema da cooperação foi removido.”

Que a compra conjunta de amianto e o suporte mútuo para garantir as “matérias-primas necessárias” levou a uma situação na qual o SAIAC foi capaz de alcançar uma posição preferencial lucrativa entre os produtores de amianto, os “Distribuidores de Amianto Bruto,” pode ser provada por um relatório escrito por Shepherd em 1938:

“Em uma reunião de Membros do SAIAC em Zurique em 10 de outubro, o SAIAC foi informado, em nome da Raw Asbestos Distributors Ltd. que a R.A.D. não seria capaz de fornecer-lhes mais de 20.000 tons de fibras de cascalho da Rodésia em 1939 e que a quantidade disponível para o SAIAC poderia ser até mesmo apenas 17.500 tons, que era tudo o que a R.A.D. poderia comprometer-se até então. O Sr. Schmidheiny indicou que a necessidade total de fibras de cascalho do SAIAC em 1939 seria provavelmente cerca de 50.000 tons, e como era duvidoso se seria possível ou desejável fazer um contrato com os russos, o SAIAC, portanto, encontrou-se em uma posição de desejar comprar aproximadamente 30.000 tons de fibras canadenses para entrega em 1939.” [8]

Após Shepherd ser informado pelos proprietários da mina canadense sobre a série de contratos já concluídos e descobrir que Johns-Manville estava obrigado por contrato a certas obrigações a “externos” a preços “que não incluíram nenhum diferencial para proteger o SAIAC,” ele obteve sucesso nas negociações, as quais conduziu em nome do SAIAC com o proprietários da mina canadense, para fazer um acordo com todas as partes. Para isto, foi acordado:

“Que tanto a Corporação Johns-Manville como a Empresa de Johnson concordam que não aceitarão outros negócios de externos na Europa sem impor o diferencial apropriado de 10% ou 12,5% sobre os preços cobrados ao SAIAC, exceto nos casos em que tenha sido aceitado pelo SAIAC que é impossível impor tal diferencial.”

Shepherd concluiu: “este acordo aparentemente é satisfatório a todos os produtores canadenses e é também satisfatório ao SAIAC.”

A Investigação do SAIAC, 1950

Em 1949, o governo holandês reconheceu asbestose como uma doença ocupacional e levou ao parlamento uma proposta legislativa para

introduzir a “Lei de Silicose,” na qual o risco de asbestose também foi descrito. A proposta legislativa continha uma disposição que autoriza o governo a tomar medidas para limitar o uso de amianto. Este desenvolvimento proveu o ímpeto para que a empresa Eternit Holandesa, em Amsterdã, um subsidiária controlada pelo Grupo Eternit Belga, questionasse à sede do cartel SAIAC na Suíça sobre as experiências de outros membros do SAIAC quanto a asbestose. O cartel SAIAC decidiu, como resultado, conduzir uma investigação entre seus membros. As reações vieram de muitos países: de Dr. Paul Cartier, empregado nas Minas de Thetford em Quebec; de Eternit Pietra Artificiale em Gênova; de DAZAG em Berlim, Everite em Johannesburg e da Turner Asbestos Cement Co. Ltd. (TAC) em Manchester. A TAC observou que:

“Na Grã-Bretanha, por mais de meio século, as Leis de Indenização aos Trabalhadores impuseram aos empregadores a responsabilidade de pagar indenização quando em qualquer emprego ao qual as leis se aplicaram, ‘ferimento pessoal por acidente fora e no decorrer do emprego é causado a um trabalhador’.”

Pela reação da Bélgica Eternit, fica evidente que a firma, desde o início dos anos 1930, correspondia-se com o cartel SAIAC quanto ao risco de asbestose (ver Apêndice):

“Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether, o qual foi discutido em julho de 1933 na sétima sessão do Comitê de Correspondência de Saúde Industrial da Secretaria Internacional do Trabalho, e desde então temos constantemente nos ocupados com medidas preventivas, das quais estamos cientes já há muitos anos... Quanto à doença propriamente dita, somos da opinião de que não é de fato uma doença ocupacional, posto que somente em um número extremamente pequeno de casos ela apareceu em funcionários expostos a partículas de pó de amianto.”

Somente a Eternit Suíça fez menção explícita de um caso único de asbestose que terminou em morte. Em agosto de 1950, o SAIAC informou todos os seus membros sobre o resultado da investigação, concluindo que não havia risco de asbestose, ou que este era muito baixo.⁴ Em setembro de 1950, a Eternit Amsterdã informou os resultados da investigação do SAIAC às outras

⁴ Esta informação foi apresentada durante o primeiro processo contra a Eternit nos Países Baixos, levado por três viúvas de (ex)trabalhadores da Eternit

empresas holandesas de cimento de amianto:

“Segue em anexo uma cópia desta exposição. Nela vocês verão que a prática mostrou que nas indústrias de cimento de amianto dos membros afiliados deste escritório - indústrias espalhadas praticamente em todo o mundo - sintomas de asbestose nunca foram observados. Além disso, a conclusão desta investigação é que, quando boas medidas preventivas são tomadas, usando sucção para remover pó etc., a chance de asbestose permanecerá nula. Pode-se supor que tais medidas preventivas na forma de bons sistemas de sucção etc. são aplicadas em toda sua extensão nas fábricas de hoje, pois isso já é exigido pela inspetoria do trabalho. Podemos, portanto, sem mais ações, confirmar que a possibilidade de ocorrência de asbestose (silicose) na indústria de cimento de amianto é nula.”

Em abril de 1953, a Inspetoria do Trabalho dos Países Baixos também observou que as multinacionais de amianto tinham uma enorme influência no uso de amianto. Em uma carta ao Ministério de Assuntos Sociais, o Chefe da Inspetoria do Trabalho de Utrecht observou que amianto ainda era muito usado, mas também observou que em casas de máquinas de navios haviam crescentes reclamações sobre sujeira e desordem causada por borrifos de amianto. Por outro lado, o Inspetor indicou que uma redução significativa do uso de amianto não era esperada a curto prazo porque “as Empresas que controlam as minas têm interesses financeiros extensivos no uso de amianto, e [ocupam] em todos os países uma posição importante que tentarão manter. Elas dirigem sua atenção aos novos materiais de isolamento para preservar e manter sua posição.”

TEAM

A cooperação no SAIAC em relação à fundação de empresas de cimento de amianto em países em desenvolvimento foi estruturalmente complementada em 1962 através do estabelecimento de um empreendimento comum sob o nome TEAM. Este acrônimo é derivado dos nomes dos participantes: Turners, Eternit e Manville. O objetivo da TEAM, de acordo com documentos que de 1962 na firma de amianto australiana James Hardie & Coy:

“TEAM é uma Empresa formada pelos três maiores grupos de cimento de amianto no mundo

livre - Turners, Eternit e Manville. Ela visa estabelecer fábricas de cimento de amianto nos países em desenvolvimento que demonstrem necessidade de tais produtos. DE MODO ALGUM ela pode ser denominada monopólio, porque cada parceiro continuará a comercializar competitivamente em todo o mundo. Ela é na verdade um meio pelo qual os riscos financeiros envolvidos em países politicamente ou economicamente instáveis podem ser compartilhados pelos três parceiros, permitindo assim fundar fábricas em circunstâncias que provavelmente desencorajariam um dos parceiros de enfrentar os riscos sozinho.” [9]

Que as corporações que cooperam no SAIAC e a conexão TEAM não hesitavam em apunhalar uma à outra pelas costas é esclarecido pelo “incidente Nigeriano,” descrito nos documentos de James Hardie:

“O incidente Nigeriano envolvia a proposta de uma terceira fábrica no norte da Nigéria. A Turners e a Emsens operam separadamente no leste e no oeste da Nigéria, respectivamente. Um empreendimento conjunto (possivelmente TEAM) foi planejado no norte da Nigéria e uma reunião entre a Turners e a Emsens foi marcada para aproximadamente um mês depois. Entrementes, a Turners alega que eles receberam informações de que os japoneses pretendiam operar no norte da Nigéria e sem consultar a Emsens foi adiante e registrou uma empresa que garantiu operações sem impostos. Ken Neve tinha escrito à Emsens explicando as circunstâncias e sugerindo uma reunião para discutir a divisão de ações na empresa mas a Emsens sentiu-se ofendida pela ação sem consulta da Turners, o que eles declaram ter ocorrido devido a urgência.”[10]

Desde seu princípio, em 1962, o capital de ação da TEAM estava dividido em três partes iguais entre cada um dos participantes [11]. Em 1971, 8,68% das ações da TEAM estavam nas mãos da filial da Eternit Belga, a Compagnie Financière Eternit (CFE), um participação que a CFE aumentou para 20,05% em 1977 [12]. Em 1978, a CFE alocou suas participações ultramarinas em uma empresa separada, a Eteroutremer S.A., para a qual a participação na TEAM também foi

alocada. Naquele mesmo ano, a participação da Eteroutremer na TEAM subiu a 18,04%. Nos anos seguintes esta participação cresceu para 33,90%. A Eteroutremer tinha à sua disposição em 1985, via TEAM, participação em, entre outras, Eternit Gresik, Indonésia; ACIL, Paquistão; e ACIB, Bangladesh. Além disso, em meados de 1986, um grande investimento na China tinha sido acrescentado à pilha na forma da fábrica Guangzhou-Eternit. Em 1989 o Grupo Eternit Belga tinha assumido, do Grupo Eternit Suíça, 25% das ações da CFE, o que significava que seu interesse na CFE crescera para 62,9%. Isso resultou na Eteroutremer assumindo quase todo o capital da TEAM e portanto participações em fábricas de cimento de amianto no México, Colômbia, Argentina, China, Bangladesh, Paquistão, Indonésia, Grécia, Turquia, Senegal e Quênia. O Relatório anual da CFE para 1990 informou participação na TEAM S.A., Luxemburgo, de 96,31%.

Em setembro de 2008, a Eternit Países Baixos afirmou, durante um processo que uma vítima de mesotelioma apresentou contra a empresa, que a TEAM não deve ser vista como um cartel. De acordo com a Eternit, a TEAM não era “um cartel, mas sim uma sociedade financeira à qual a Eternit estava afiliada.”

A Comissão dos Monopólios, 1973

Em 1973, a Comissão dos Monopólios do Reino Unido declarou em seu relatório sobre a indústria de amianto britânica que em 1930 a T&N tinha estabelecido acordos “com as empresas continentais da Eternit” quanto à venda de produtos de cimento de amianto. Estes acordos foram denominados como “Esquema Wenham Continental.” Isto significava, de acordo com a Comissão, que a T&N assumiria 80% de todo o mercado do Reino Unido e da Irlanda e que os 20% restantes seriam destinados às corporações continentais da Eternit. Os acordos acima mencionados envolveriam somente o período de 1930 a 1945. O relatório declarava ainda que em 1929 a T&N tinha firmado um acordo com a firma italiana de cimento de amianto SA Eternit Pietra Artificiale para o uso da patente de Mazza em tubos de amianto. Em troca do pagamento de somas de montantes fixos e royalties, a T&N recebeu o direito exclusivo de usar o processo de tubo Mazza no Reino Unido até a data de vencimento da patente [13]. Nas atividades do cartel SAIAC após 1945, a Comissão dos Monopólios não tinha nada a dizer, como foi também o caso da rede de cooperação da TEAM. Em relação à indústria de mineração de amianto e o mercado mundial, a Comissão informou que:

“A maior parte do amianto minado no mundo (país fora do bloco

oriental) é produzido por empresas verticalmente integradas as quais minam e moem o material e fabricam produtos de amianto, a maior empresa deste tipo é Johns-Manville Corporation, de Nova Iorque. Outras participações em mineração verticalmente integradas incluem a Turner & Newall Ltd. e a Cape Asbestos Company no Reino Unido. O maior produtor de fibras de amianto sem participação associada é a empresa canadense, Asbestos Corporation Ltd. ... Afora os grupos T&N e Cape e a conexão de Túnel com as minas de Chipre, nenhum fabricante de produtos de amianto no Reino Unido possui ou retém interesses em operações de mineração.”

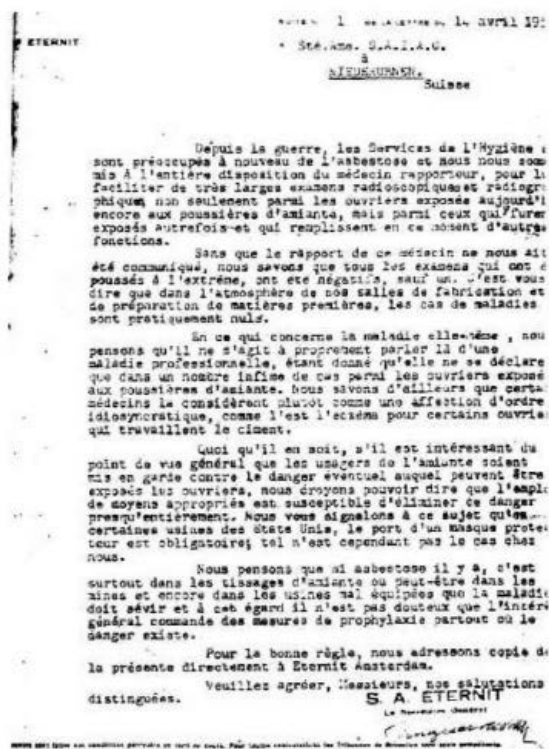
Nisso, a Comissão de Monopólios ignorou completamente as grandes participações em mineração dos assuntos da Eternit Suíça e Belga na África do Sul e Canadá e o fato de que o Grupo Eternit Belga fornecera à Grã-Bretanha produtos de cimento de amianto, assim como produzia-os lá, desde pelo menos 1903.

Março de 2011

Referências

1. O. Hardy-Hemery, *Eternit et l'amiante 1922-2000*, p. 18.
2. M. Roselli, *Die Asbestluge*, 2007, p. 79.
3. W. Catrina, *Der Eternit Report*, p. 39.
4. Catrina, 1985, p. 39.
5. T&N Annual Report 1929, p 9.
6. Catrina 1985, p. 40.
7. Hardy-Hemery, p. 38, 39.
8. Verslag Shepherd “SAIAC and Canadian Raw Asbestos Producers,” on his journey of 15 Oct. - 23 Nov. 1938, p. 2.
9. Relatório de J.R McCormack, Feb. 1962.
10. Informações de M. Peacock Australia
11. CRISP Report 1966, p. 144.
12. CFE Annual Report 1977, p. 16.
13. The Monopolies Commission, 1973, p. 128..

Apêndice



Cavalheiros,

Referência: Asbestose

Recebemos seu memorando N° 13134 datado do dia 6 deste mês, enviado a nosso administrador designado, Sr. André Emsens.

Você deve lembrar-se que nós mesmos já chamamos sua atenção à asbestose em nossa carta de 15 de maio de 1931. Em 1933 recebemos o relatório de Dr. E.R.A. Merewether, o qual foi discutido em julho de 1933 na sétima sessão do Comitê de Correspondência de Saúde Industrial da Secretaria Internacional do Trabalho, e desde então temos constantemente nos ocupados com medidas preventivas, das quais estamos cientes já há muitos anos.

Acreditamos que alcançamos na nossa Divisão de Tubos tudo que é possível, com pó de amianto sendo praticamente existente lá. Em nossa Divisão de Placas [Folhas], a proteção nas moagens e as precauções de vedação das salas de amianto eliminaram o pó em grande escala.

Tomamos a iniciativa de alertar os Serviços Médicos do Trabalho em 1930 enviando a eles a documentação que temos e facilitando o exame de raio x dos funcionários que trabalharam para nós por vários anos em condições que poderiam possibilitar as doenças. Estes exames retornaram negativos.

Desde a guerra, os Serviços de Saúde estão novamente preocupados com asbestose e nos colocamos à disposição do médico de exame para ajudar com as diversas radioscopias e raios x, não só entre os funcionários ainda expostos hoje a pó de amianto, mas também para aqueles que poderiam ter sido expostos no passado e que agora ocupam outros cargos.

Embora não tenhamos nenhum conhecimento do relatório do médico, sabemos que os exames foram tão extensivos quanto possível, e todos, exceto um, foram negativos. Isto mostra que em nossas áreas de produção e matérias-primas, casos de doença são de fato nulos.

Quanto à doença propriamente dita, somos da opinião de que não é de fato uma doença ocupacional, posto que somente em um número extremamente pequeno de casos ela apareceu em funcionários expostos a partículas de pó de amianto. Também sabemos que alguns médicos consideram esta doença uma ocorrência idiossincrásica semelhante ao eczema em caso de alguns funcionários de cimento.

Em todo caso, de um ponto de vista geral, conquanto seja bom que os usuários de amianto sejam alertados do possível perigo ao qual eles podem ser expostos, acreditamos que com meios apropriados é possível eliminar este perigo quase inteiramente. Chamamos sua atenção ao fato de que em algumas fábricas dos Estados Unidos, é obrigatório usar máscara. Este, contudo, não é o caso aqui.

Parece-nos que caso haja asbestose, ela acontece em sua maior parte na produção do amianto, ou possivelmente nas minas, ou em fábricas mal equipadas em que a doença ocorre e neste caso, é claro que o interesse geral requer medidas de controle onde quer que haja perigo.

Como de praxe, enviamos uma cópia desta carta diretamente à Eternit Amsterdã.

Atenciosamente.

S. A. ETERNIT

2. O IMPÉRIO DE FAMÍLIA SCHMIDHEINY

Adrian Knoepfli¹

De acordo com o *Neue Zürcher Zeitung*, os Schmidheyns constituem a “mais conhecida dinastia comercial da Suíça,” e Max Schmidheiny o “maior industrialista da Suíça” [1]. Como os Schmidheyns, que içaram a bandeira da globalização desde cedo, chegaram aonde agora estão?

Tijolos e Cimento

O histórico do império de Schmidheiny começou em Heerbrugg, uma pequena aldeia no Vale de Reno, na parte oriental da Suíça. Jacob Schmidheiny (1838-1905), o avô de Max Schmidheiny, foi o filho de um alfaiate e originalmente um tecelão de seda [2]. Após ter tentado a sorte como fabricante têxtil, ele estabeleceu uma série de trabalhos com telhas, iniciando em 1870. Antes disto, ele comprou o Castelo Heerbrugg com um empréstimo de um estrangeiro virtual; o castelo permaneceu na família até o início do século vinte e um. Em 1906, Ernst Schmidheiny (1871-1935), filho mais velho de Jacob, começou a produzir cimento. Isso conseqüentemente levaria à criação do vasto conglomerado global do Schmidheyns, Holderbank; nome derivado do local de uma fábrica na qual Ernst Schmidheiny adquiriu participação antes da Primeira Guerra Mundial.

Desde 1911, os industrialistas de cimento suíços fundaram um cartel que controlou preços e limitou a produção (isso garantiu lucros amplos para a indústria de cimento suíça por muitos anos; até a década de 1990, de fato). Ao mesmo tempo a indústria sofreu consolidação extensiva, resultando na eliminação de maior parte das entidades mais fracas, independentes.

Entre as guerras, a Holderbank expandiu-se no exterior, e em 1944 era uma corporação internacional de tamanho considerável com empresas de cimento na Suíça, Países Baixos, Bélgica, Grécia, Egito, Síria, Argentina, Brasil e Peru. Após a Segunda Guerra Mundial, continuou a expandir-se rapidamente, estabelecendo-se na África do Sul, Canadá, e Estados Unidos. Após a queda do Muro de Berlim, o conglomerado rapidamente apareceu na Europa Oriental, e então iniciou operações na Ásia. Antes de 1991, mais de 360 empresas em vinte países em cinco continentes pertenceram à Holderbank. Os objetivos estratégicos foram expressos como globalização, verticalização e expansão de serviços. Em 2010, a Holcim (nome da Holderbank desde 2001) empregou mais de 80.000 pessoas em aproximadamente setenta países. Com um volume de negócios de 21,65 bilhões de francos de suíço, a corporação teve lucro líquido de 1,62

bilhões de francos [3].

A Indústria de Madeira, Instrumentos Óticos, e a Eternit

O escopo das atividades dos Schmidheyns não limitou-se jamais a telhas e cimento. Em 1920, Ernst Schmidheiny, com um sócio, assumiu a Swiss Eternit-Werke AG em Niederurnen, uma empresa que tinha sido fundada em 1903; em 1923 ele tornou-se membro do conselho de administração da Gips-Union AG Zurique; e no ano seguinte fundou a Holzindustrie AG (Hiag). O irmão de Ernst, Jacob Schmidheiny (1875-1955) adquiriu participação na fábrica automobilística Safir e em 1921 junto com dois outros fundou a Heinrich Wild, Werkstatte für Feinmechanik und Optik, que depois se tornou a Leica. Em 1928, a Eternit adquiriu uma subsidiária alemã, a Deutsche Asbestzement AG Berlim.

No período entre guerras houve uma divisão inicial de fato do império, em que Jacob Schmidheiny encarregou-se do negócio de telhas enquanto Ernst Schmidheiny ficou responsável pelo negócio de cimento. A firma Wild, que assumiu a empresa alemã Leitz em 1972/1974, foi mantida pela família até a década de 1990.

O homem que inventou o cimento de amianto, Austrian Ludwig Hatschek, licenciou seu produto (registrou “Eternit”) em cada país, isto é, somente uma licença foi permitida para qualquer país. Com uma exceção, a firma holandesa Martinit, os titulares da licença foram obrigados a usar a palavra “Eternit” tanto no título de sua empresa como no nome de seu produto. Isso levou a uma série de empresas chamadas Eternit, a maior parte da qual não estavam relacionadas, pelo menos inicialmente. Mas isso mudaria: duas empresas nacionais Eternit, em particular, Eternit Bélgica e Eternit Suíça (controladas pelos Schmidheyns), destacaram-se e fundaram subsidiárias Eternit no exterior. Após a Segunda Guerra Mundial, ambas multinacionais continuaram a expandir seu alcance global. No auge da produção de amianto, os Schmidheyns controlavam Fábricas da Eternit em dezesseis países, empregando 23.000 funcionários, e tinham participação em fábricas, através de suas ações no Grupo Eternit Belga (que pertencia à família Emsens), em outros dezesseis países. O volume de negócios anual do Grupo Eternit Suíço em meados da década de 1980 era dois bilhões de francos suíço, enquanto o Grupo Eternit Belga tinha um volume de negócios de dois bilhões de francos, dos quais os Schmidheyns possuíam ações de aproximadamente 20%. Em 1989, o Grupo Eternit Suíço separou-se de Grupo Eternit

¹Adrian Knoepfli: Jornalista Econômico, Zurique, Suíça; e-mail: adrian.knoepfli@bluewin.ch Documento traduzido do alemão por Penny Milbouer.

Belga [4],

Max Schmidheiny, que tinha encarregado-se do Grupo Eternit Suíço em 1967, foi sucedido por seu filho Stephan em 1975. Em 1978, Stephan Schmidheiny anunciou que a Eternit planejou parar de fabricar produtos contendo amianto, e a Eternit começou então a mudança para produtos sem amianto.

Max, Ernst, e Peter

O que pode ser chamado a terceira geração dos Schmidheiny, a saber os irmãos Ernst (1902-1985) e Max (1908-1991) junto com seu primo Peter Schmidheiny (1908-2001), continuou o negócio da família e o estendeu. Peter Schmidheiny assumiu, no lugar de seu pai Jacob, a presidência do grupo de telha, que tinha mudado seu nome para Ziircher Ziegeleien, assim como os trabalhos de engenharia de Escher Wyss em Zurique, que Jacob Schmidheiny e um sócio tinham adquirido em 1936. Os renomados trabalhos da Escher Wyss tinham passado a tempos difíceis durante a crise econômica mundial e tinham sobrevivido graças somente à intervenção e ajuda da bolsa pública. Em 1966, os Schmidheiny venderam a Escher Wyss à empresa de engenharia Sulzer, com sede em Winterthur, concedendo à família Schmidheiny, em troca, um assento no conselho de administração da Sulzer. Em 1999, esta filial da família, agora representada pelo filho de Peter, Jacob (nascido em 1943), deixou o negócio de telhas, que foi vendido à entidade austríaca líder do setor, a Wienerberger. Após isso, o nome da firma foi mudado de Ziircher Ziegeleien para Conzzeta, que agora está no ramo de engenharia, construção de plantas, materiais espumantes, mercadorias esportivas, revestimentos de grafite e imóveis.

Max Schmidheiny, conhecido em seu círculo como “Sir Max” e ocasionalmente ativo politicamente, foi a figura mais distinta desta terceira geração. Sob sua liderança, com a ajuda do irmão Ernst, a Holderbank (agora Holcim) foi “forjada em seus componentes essenciais,” a Wild Heerbrugg (agora Leica) “uma marca líder em ótica” e a Eternit “material de construção em demanda em todo o mundo.” A Hiag, que produz fibras, compensado e assoalho de madeira, tornou-se líder de mercado. Foi adquirida na década de 1970 por Gustav Grisard, que tinha entrado na família Schmidheiny através de um casamento [5].

ABB, Swissair, e os Grandes Bancos

Os Schmidheiny não somente tinham seu próprio império, mas estavam de muitas formas conectados a outros setores industriais, tais como energia, transporte e grandes bancos suíços. Em 1959, Max Schmidheiny foi o ímpeto para a fundação da Swisspetrol, que então

começou a explorar petróleo na Suíça. Ele então tornou-se figura respeitada na empresa tecnológica BBC (agora ABB) [6]. Ele foi também membro do conselho de administração, entre outras, na Motor-Columbus, na empresa de eletrônica Landis & Gyr, no Genfer Versicherungen (grupo de seguros), na Zurcher Privatbank und Verwaltungsgesellschaft, e a Ferrovia Suíça (SBB). Ernst Schmidheiny moldou significativamente a história da empresa aérea nacional, Swissair, como presidente do conselho [7].

O três grandes bancos suíços (na época) dividiram os Schmidheiny entre eles: Max e Peter Schmidheiny foram ao Schweizerische Kreditanstalt (SKA, agora Credit Suisse) e Ernst Schmidheiny ao Schweizerische Bankgesellschaft (SBG, agora UBS). Na geração mais jovem, Stephan Schmidheiny tornou-se membro do conselho do SBG; Thomas Schmidheiny do SKA; e o filho Peter, Jacob, no Schweizerischer Bankverein (SBV, fundido em 1998 com o SBG para tornar-se o UBS).

Distribuição do Patrimônio

Quando a quarta geração assumiu, a enorme fortuna de Max Schmidheiny foi distribuída entre seus filhos em 1984. Thomas Schmidheiny (nascido em 1945) adquiriu a empresa de cimento Holderbank e Wild-Leitz; seu irmão mais jovem Stephan (nascido em) adquiriu a Gipsunion e a Eternit. O terceiro filho, Alexander (1951-1992), assumiu a empresa de cera de esqui Toko em 1982, que então tornou-se parte da Zurcher Ziegeleien onze anos depois, após a morte prematura de Alexander. Em 1989 houve uma troca: a Wild-Leitz foi para Stephan Schmidheiny, que entregou a Gipsunion e a Eternit Suíça a Thomas em troca.

Enquanto Thomas Schmidheiny optava pela continuidade da Holderbank, Stephan diversificava em outros setores, por exemplo, o comércio de aço e construção metálica, nos quais compras e vendas muitas vezes aconteciam uma após a outra. Stephan Schmidheiny investiu cedo na América Latina [8]. Além das empresas já mencionadas, ele assumiu de seu pai tanto a Zurcher Privatbank und Verwaltungsgesellschaft, que ele vendeu à SBG em 1989, como a participação acionária da BBC. Ele investiu junto com Nicolas G. Hayek na empresa de relógios SMH (agora Grupo Swatch) em 1985/86; em 1987 ele comprou participação na empresa de eletrônica Landis & Gyr. Em 1994, Stephan Schmidheiny tinha o controle de suas várias propriedades (Anova, Unotec, Nueva), Leica (antiga Wild-Leitz), Landis & Gyr, e a empresa internacional Cosa Liebermann; ele manteve ações na ABB, Merkur (comércio varejista), Globus (loja de departamento), e BB Industrie Holding; ele também esteve no conselho de

administração do conglomerado internacional de alimentos Nestlé [9].

Stephan Schmidheiny Sai da Indústria Suíça

Na segunda metade da década de 1990, Stephan Schmidheiny acelerou sua saída gradual, provavelmente motivada pelas crises estruturais graves da indústria suíça e a dedicou sua energia à América Latina e a atividades culturais e caridade. A Leica foi dividida em três empresas em 1996 e 1997: Leica Camera, Leica Microsystems, e Leica Geosystems, todas as quais passaram a novos proprietários [10]. Para financiar seus esforços de caridade na América Latina, onde, entre outras coisas, ele restaura florestas tropicais e apoia pequenas e médias empresas, Stephan Schmidheiny criou as fundações Fundes (1986) e Avina (1994) além de seu Grupo Nueva [11]. Em 2003 a Truste Viva nasceu, na qual Schmidheiny pôs seus negócios de material de construção concentrados no Grupo Nueva, uma doação de aproximadamente um bilhão de francos de suíços. E então o Grupo Nueva vendeu todas essas ações e investiu na Masisa, que possui empresas de processamento de toras e madeira no Chile, Argentina, Brasil, Venezuela e México. De acordo com o Welt am Sonntag (um semanário alemão), Schmidheiny é o “mais dedicado patrocinador de arte latino-americana no mundo inteiro” [12] com sua Daros-Latin-America AG, uma coletiva suíça privada sediada em Zurique. Ao final da década de 1990, Stephan Schmidheiny retirara-se de todas as responsabilidades por operações e gestão [13]. Mas seu dinheiro continua a “trabalhar.” Por exemplo, em 2008 ele comprou participação na empresa de serviços de expansão de mercado global DKSH. Naquele momento foi anunciado que ele quis expandir conexões entre a Ásia e a América Latina [14].

A Lenta Aposentadoria de Thomas Schmidheiny

Durante os últimos anos, Thomas Schmidheiny também se retirou das operações cotidianas de negócios, em parte voluntariamente e em parte involuntariamente. Ele continua como membro do conselho de administração do conglomerado de cimento Holcim, o segundo maior do mundo na área, atrás somente da Lafarge. No final de 2010, ele ainda tinha participação de 18,2 por cento na Holcim; o segundo maior acionista da Holcim era a empresa russa Eurocement Holding com 10,1 por cento em setembro de 2011 [15]. A retirada de Thomas Schmidheiny foi acelerada por uma série de eventos desagradáveis, o primeiro dos quais foi uma acusação de insider trading. Em dezembro de 2000, em uma reunião do conselho de administração da empresa de mineração Xstrata, sediada em Zug, Suíça, ele foi informado de que haveria uma fusão com a empresa espanhola Asturiana de Zinc (Azsa). Quatro dias depois ele comprou ações da Azsa,

cujo valor subiu cerca de 2 milhões de francos suíços após o anúncio da oferta da fusão na compra da Xstrata. Mas os detalhes vazaram ao público. No início do janeiro de 2001 ele vendeu sua participação pelo seu preço de compra à Xstrata. As autoridades espanholas iniciaram um julgamento, que resultou em uma multa de 1,5 milhões de euros. Sob da pressão dos eventos, Thomas primeiro renunciou seu cargo em operações, depois seu cargo como o presidente da Holcim; em seguida renunciou os conselhos da Xstrata e do Credit Suisse Group [16].

O verniz na fachada do industrialista surpreendentemente próspero continuou a rachar com a falência da Swissair, da qual ele foi vice-presidente. Em março de 2001, antes mesmo do colapso final, todo o conselho de administração da Swissair, composto dos melhores entre os melhores, inclusive de Thomas Schmidheiny, renunciou, exceto um. Posteriormente, os membros do conselho, parte da alta administração da Swissair, e alguns externos foram levados a julgamento, mas os dezenove réus foram inocentados em 2007. “Erros foram cometidos, os quais foram punidos com ruína financeira, mas nenhum dos dezenove réus cometeu um ato criminal sob a lei,” afirmou o Neue Zürcher Zeitung [17]. Em 2002, Thomas Schmidheiny consolidou suas participação industriais e privadas na Office Spectrum Value Management Ltd., de sua família, na qual não só manteve seu investimento na Holcim, mas também investimentos em biotecnologia, e participação no patrimônio: da Siegfried, empresa suíça de produtos químicos finos; do Grand Hotel Quellenhof & Spa Suites na cidade spa Suíça de Bad Ragaz; e de vinhedos na Suíça, Vale Napa na Califórnia, Austrália e Argentina. A geração de Max e Ernst Schmidheiny também tinha investido em hotéis.

Os Schmidheiny certamente não são mais os capitães da indústria, mas eles estão ainda entre o mais rico da Suíça. A fortuna de Thomas Schmidheiny, calculada em 2007 como 7,5 bilhões de francos suíços, foi estimada em 4,5 bilhões de francos em 2010 pela revista de negócios Bilanz. Isso ainda é um bilhão a mais que em 2004. A fortuna de Stephan Schmidheiny é estimada pela Bilanz em 3,5 bilhões de francos, um bilhão a menos que em 2007 [18].

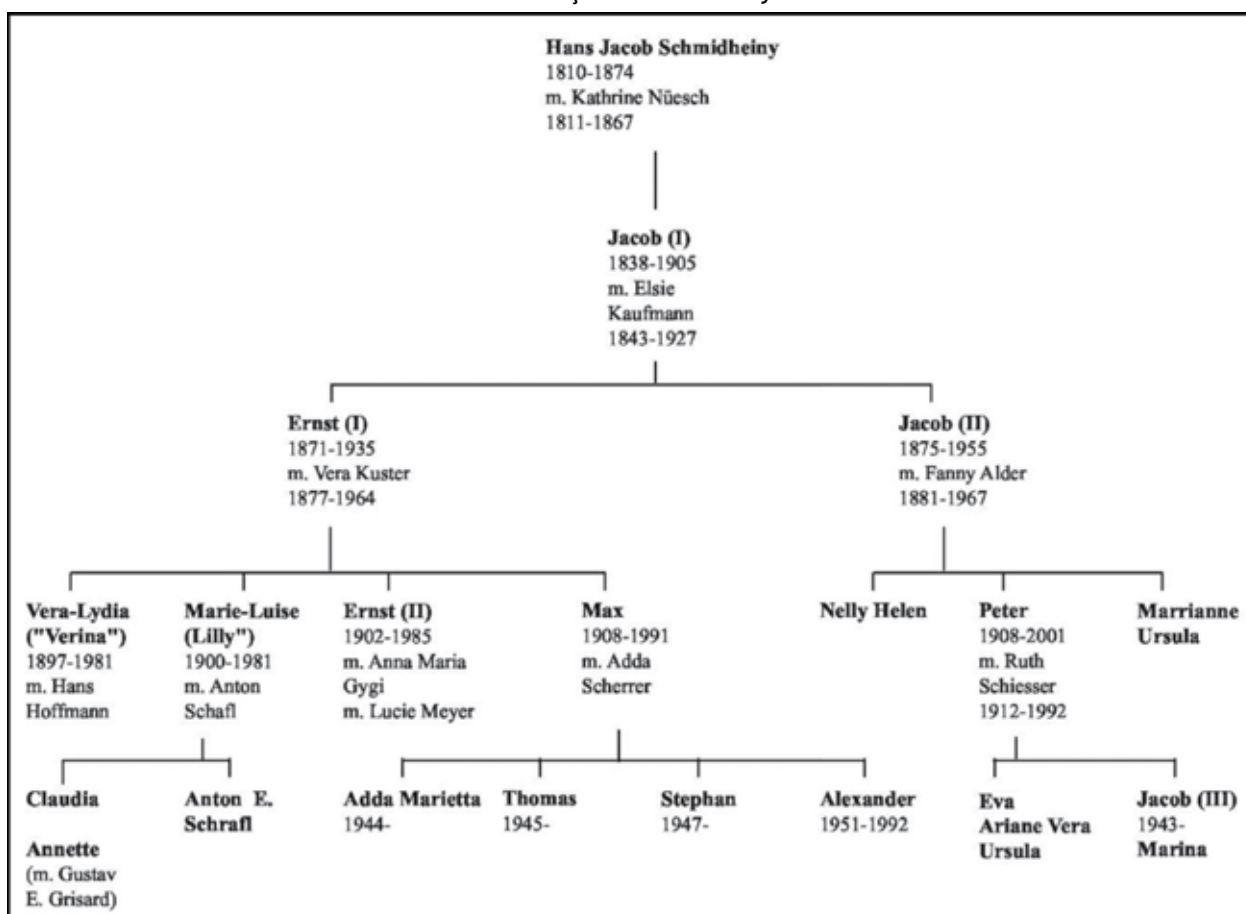
Setembro de 2011

Referências

1. Gerhard Schwarz, “Unternehmerische Kraft und gesellschaftliche Sensibilität,” *Neue Zürcher Zeitung*, April 3, 2008. Carl M. Holliger, *Die Reichen und die Superreichen in der Schweiz* (Hamburg 1974), p. 13.
2. Ver Hans O. Staub, “Von Schmidheiny zu Schmidheiny,” *Schweizer Pioniere der*

- Wirtschaft und Technik*, Vol. 61 (Meilen 1994), para a ascensão da família Schmidheiny. Ver também Werner Catrina, *Der Eternit-Report, Stephan Schmidheiny's schweres Erbe* (Zürich 1985).
- Annual Report, Holcim 2010.
 - Catrina, Eternit-Report, pp. 238-239. Ver também o artigo "O que a empresa Eternit é agora" neste volume. Para a história da Eternit, vá para www.eternit.ch. Para fibras e suas consequências devastadoras, ver Maria Roselli, *Die Asbestlüge, Geschichte und Gegenwart einer Industriekatastrophe* (Zurich 2007).
 - Schwarz, *Unternehmerische Kraft*. Adrian Knoepfli, "Auf internationalem Parkett," *Handelszeitung*, No. 31, 2 de Agosto de 2001.
 - Para o papel da família Schmidheiny na BBC, ver Staub, "Von Schmidheiny zu Schmidheiny," pp. 139-144.
 - Staub, "Von Schmidheiny zu Schmidheiny," pp. 139-144.
 - Ver o artigo de Dan Berman "Magnata do Amianto ou Guru Ambiental," neste volume Cap 3.
 - Erik Nolmans, "Gesucht: Erfolgserlebnis," *Facts* 24/1995.
 - Jörg Becher, "Im Nebel von Landis & Gyr," *Bilanz*, 7/97. Para a história da Leica, ver: http://www.leica-geosystems.com/media/new/product_solution/Jubilaebroschuere.pdf.
 - Annual Report*, Avina 2009.
 - Welt am Sonntag*, No.49, 3 de Dezembro de 2006.
 - René Lüchinger e Ueli Burkhard, *Stephan Schmidheiny, Sein langer Weg zu sich selbst, Erbe – Unternehmer - Philanthrop* (Bern 2009), p. 244. em <http://www.gruponueva.com>.
 - Neue Zürcher Zeitung*, 8 de Maio de 2008.
 - Annual Report*, Holcim, 2010. Press release, Holcim, September 16, 2011.
 - Tages-Anzeiger*, 31 de Março de 2011. Para os desenvolvimentos mais recentes da Holcim, ver Jörg Becher, "Wir sind kriegserprobt," Interview with Thomas Schmidheiny in *Bilanz* 18/2009 em <http://www.bil-anz.ch/people/gespraech/wir-sind-kriegs-erprobt>.
 - Neue Zürcher Zeitung*, 8 de Junho de 2007.
 - "Die 300 Reichsten 2010" em <http://www.bilanz.ch>.

As Gerações Schmidheiny*



*A versão resumida desta árvore genealógica da família Schmidheiny pretende esclarecer a relação entre membros do clã mencionados no artigo acima. Quando nenhum detalhe é apresentado, ou quando os nomes foram agrupados, a ordem de nascimento é preservada (abaixo dos nomes listados e da esquerda para a direita).

3. MAGNATA DO AMIANTO OU GURU AMBIENTAL: OS JULGAMENTOS DE STEPHAN SCHMIDHEINY

Daniel M. Berman¹

O que Stephan Schmidheiny, antigo proprietário exclusivo da Eternit, fez com os bilhões de sua venda das propriedades de amianto da Eternit no final da década de 1980? Entre 1984 e 1999, o valor líquido de Schmidheiny dobrou de US\$ 2 bilhões para US\$ 4,4 bilhões. Agora, após a doação de pelo menos um bilhão de dólares a uma fundação que ele controla, a Forbes estimou que seu valor líquido foi reduzido a US\$ 2,9 bilhões no início de 2011 [1].

Parte do que Schmidheiny fez foi investir em propriedades florestais latino-americanas. De acordo com contas suíças, Stephan Schmidheiny começou a comprar terra florestal chilena em 1982, e antes de 2000 ele possuía mais de 120.000 hectares no sul do Chile, perto de Concepcion, terra que os índios Mapuche reivindicam ser sua desde tempos imemoriais. Os Mapuche denunciam que uma parte do que Schmidheiny comprou foi roubada deles durante a ditadura de Pinochet, usando as técnicas padrão de intimidação e tortura do regime. As propriedades chilenas de Schmidheiny, controladas por sua afiliada Terra Nova, são por sua vez controladas pela Nueva, empresa de holding de Schmidheiny sediada na Suíça, o que o torna um dos maiores proprietários de propriedades florestais do Chile. (A Nueva também controla empresas na América Latina que empregam milhares na produção de tubos, materiais de construção e na plantação e colheita de vasto número de árvores.) Os negócios da Terra Nova são tão controversos que Huilcamans, Presidente do Consejo de Todas las Tierras dos Mapuches, viajou à Suíça em 1999 para convencer Schmidheiny da injustiça de algumas das atividades de sua subsidiária. De acordo com uma fonte, a Schmidheiny encaminhou o presidente Mapuche a HansUlrich Spiess, representante suíço da Terra Nova, que considerou as acusações “absurdas”. Spiess afirmou que Terra Nova tinha “título legal” baseado em procedimentos legais do Chile, e que “Se retrocedermos o suficiente, sempre encontraremos alguém a quem a terra pertenceu em algum momento no passado.” Schmidheiny nunca deu declarações públicas sobre o regime ditatorial de Pinochet no Chile, mas foi citado em um discurso como tendo dito que: “Um país de Terceiro Mundo que opta por uma economia de mercado livre liberal deve ter um estado forte.” [2]

Schmidheiny usou sua participação “filantrópica”

na América Latina para criar a impressão de ter inventado um novo paradigma ambiental baseado no slogan “ecoeficiência” incitado pelas representações “da sociedade civil.” O progresso ocorre, ele acredita, quando a “sociedade civil... [isto é]... milhões de mulheres e homens fora do governo” através de “acesso” a “know-how administrativo” e “capacidade de angariação de fundos” são “autorizados” a transformar seus países, uma forma indireta de defender “nenhuma interferência governamental nos negócios” [3]. A “ecoeficiência” de Schmidheiny e os paradigmas da “sociedade civil” não incluíam um imperativo para informar empregados de cimento de amianto que suas tarefas os matavam - ou que a Eternit tinha um dever moral e legal de compensar aqueles cujas vidas tinham sido sufocadas pela exposição ao amianto. Ao que parece o velho paradigma “privatizar os lucros/socializar as perdas” triunfaram sobre o novo paradigma “ecoeficiência/sociedade civil” das vítimas de seu antigo império Eternit em 35 países, algumas das quais Schmidheiny deve lembrar-se de seu trabalho como aprendiz de feitor no chão de fábrica na maior planta brasileira da Eternit, em Osasco, São Paulo, no início da década de 1970.

Em 1950 o pai de Stephan, Max Schmidheiny, proprietário exclusivo da Eternit, escreveu à subsidiária holandesa da empresa sobre a pesquisa recente em asbestose. Em 1971, Max foi citado criticando Johns-Manville, a gigante americana do amianto, por incluir alertas em sacos de amianto exportado de suas minas em Quebec [4]. No final da década de 1970, Stephan Schmidheiny - que havia substituído seu pai como proprietário - tinha ordenado aos pesquisadores de sua firma que desenvolvessem formas de produzir painéis de cimento de fibra que usassem fibras de planta. A Eternit começou até a produzir painéis de cimento de fibra utilizando fibra de planta em vez de fibras de amianto em sua fábrica de Ricalit, na Costa Rica. Mas, por vários motivos, inclusive a oposição de sua própria equipe de engenharia e dos parceiros locais da Eternit em todo o mundo, a estratégia de substituição do amianto demorou para entrar em vigor, portanto Schmidheiny findou vendendo todas as suas fábricas de cimento de amianto antes de 1990, em uma tentativa de transferir a responsabilidade pelas mortes relacionadas ao amianto a novos proprietários.

APOSTANDO O FUNDO DE PENSÃO? Em 1987, Stephan

¹ Dan M. Berman PhD: autor de *Death On the Job*, co-autor (com John T. O'Connor) de *Who Owns the Sun* e co-editor de *Health and Work Under Capitalism: An International Perspective*; email: danberman@gmail.com

Schmidheiny comprou a Landis & Gyr, uma firma controlada por uma família, a qual foi uma das empresas líderes mundiais em controles automáticos para edifícios. Em 8 anos ele eliminou 3.000 empregos, e, em 1994, o fundo de pensão da Landis & Gyr perdeu US\$ 300 milhões em especulação no mercado de ações. Os funcionários e a sindicato afirmaram que Schmidheiny estava completamente consciente dos riscos que a gestão assumia com o fundo de pensão dos funcionários e que ele tinha apoiado a decisão “imoral” de reter contribuições da gestão ao fundo [5],

Schmidheiny, durante a venda de suas propriedades suíças e sua transformação em banqueiro e especulador, fez um esforço ativo para integrar-se diretamente nas esferas mais altas da sociedade americana como empresário e filósofo ambiental. Em 1992 ele publicou *Changing Course: A Global Business Perspective on Development and the Environment* [6], que sustentava que o desenvolvimento capitalista racional - com base em seu conceito de “ecoeficiência” - era a solução de longo prazo tanto para devastação ambiental como para diminuição dos lucros. Ele pôs seu dinheiro e influência no conceito, fundando e financiando o Conselho Comercial Mundial para Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), que definiu o tom da participação industrial e comercial na Conferência Internacional do Meio-Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992 [7]. Uma pergunta que a análise de Schmidheiny nunca responde é: o que deve ser feito quando as empresas se recusam a praticar “ecoeficiência”? Essa escolha pareceu ter sido deixada às próprias empresas.

Durante a década de 1990, Schmidheiny participou do Conselho de Administração do Museu da Arte Moderna, em Nova Iorque, e foi também um participante ativo e conferencista no Centro Yale de Lei e Política Ambiental da Faculdade de Direito de Yale. Na prática, Stephan Schmidheiny decidiu “pegar seu dinheiro e correr” do iminente desastre do amianto da Eternit, e reinvesti-lo em florestas sul-americanas, materiais de construção e empresas eletrônicas e em projetos de livro, grupos “populares”, universidades e empreendimentos “filantrópicos” em todo o mundo, enquanto deixava trabalhadores doentes e moribundos à sua própria sorte. Ele lançou-se no palco do mundo, metamorfoseando-se magicamente em um pensador ambiental e benfeitor, e teve esse papel santificado por respeitadas instituições educacionais [8], como a universidade de Yale, que deixou de lado, com prazer, a origem letal de sua fortuna de bilhões de dólares. Ao conceder a Schmidheiny o título honorário de “Doutor de Ciências Humanas” em 1996, a Yale louvou-o nos

seguintes termos:

“Não satisfeito em ser um administrador de negócios familiares, você usou seu papel corporativo para promover a administração do meio-ambiente global. Você tomou decisões comerciais com base na saúde do planeta, introduzindo novas tecnologias e formas de fazer negócios que são amistosos ao meio-ambiente. Ao trazer sua mensagem aos principais industrialistas do mundo, você ajudou a criar uma visão atingível de uma economia global baseada no desenvolvimento sustentável e ecologicamente sólido.” [9]

Até o momento, o conceito de Schmidheiny de “administração” não incluiu uma aceitação pública franca da responsabilidade moral e financeira pelo sofrimento e mortes causados pela produção e venda de produtos de amianto da Eternit em todo o mundo. Mas em Osasco, Brasil, um grupo de funcionários da planta de cimento de amianto da Eternit, liderada pela Ministra do Trabalho, a engenheira de segurança Fernanda Giannasi, fundou a Associação Brasileira de Pessoas Expostas ao Amianto (ABREA) para lutar por justa indenização, assistência médica e banimento do amianto, uma luta por justiça no que Giannasi chamou de “guerra invisível” contra os trabalhadores [10]. Além disso, Schmidheiny está em julgamento em Turin, acusado de causar intencionalmente um desastre ambiental, falhar em atender regras de segurança e negligência. Os reclamantes que exigem indenização neste julgamento criminal totalizam mais de 6.000 pessoas, inclusive sobreviventes de doenças do amianto e os parentes de aproximadamente 2.200 pessoas mortas por exposição ao amianto da Eternit. Raflaele Guariniello, Promotor Público de Turin, pediu sentenças de 20 anos de reclusão para Schmidheiny e para o corréu Barão Louis de Cartier de Marchienne, da Bélgica [11]. A decisão de um painel de três juizes é esperada para o início de 2012. Há uma década atrás, Stephan Schmidheiny contou ao *Wall Street Journal* “Prometo que nunca irei a uma prisão italiana.” Desde então, ele tem recusado em conceder entrevistas de imprensa [12], e não tem expressado nenhum remorso público quanto ao sofrimento e morte que sua firma causou [13]. Só Stephan Schmidheiny, seguro em sua mansão na beira de um lago na Suíça ou em sua fazenda La Pacifica na Costa Rica, pode dizer-nos se ouve, em seus sonhos, os fantasmas dos trabalhadores do amianto mortos clamando por justiça.

Outubro de 2011

Referências

1. Ver www.forbes.com, que em 1999 considerou Stephan Schmidheiny como uma das 100 pessoas mais ricas no mundo. O valor de US\$ 2 bilhões em 1985 é do livro de Wemer Catrina, *Eternit: Stephan Schmidheiny's Schweres Erbe [Eternit: A Difícil Herança de Stephan Schmidheiny]*. Zürich: Orell Füssli; 1985. A última estimativa de sua fortuna pela *Forbes* foi em Março de 2011.
2. Dominik Flammer. Chiles Vergangenheit holt Schmidheiny ein [O Passado do Chile Alcança Schmidheiny], *Weltwoche*, Zürich, 18 de Fevereiro de 1999; também Ulrich Achermann. Schmidheiny & Co: Indianers Setzen Wälder in Brand [Schmidheiny & Co: Índios Incendeiam Florestas]. *Weltwoche*, Feb. 25, 1999. www.weltwoche.ch/. Uma visão mais receptiva de Schmidheiny está disponível em Wemer Catrina. Stephan Schmidheiny's Ferne Wälder [As Florestas Distantes de Stephan Schmidheiny]. *Tages-Anzeiger*, Zurich, 23 de janeiro de 1997. www.tages-anzeiger.ch/archiv/. Wemer Catrina é também autor de *Eternit: Stephen Schmidheiny's Schweres Erbe [Eternit: A Difícil Herança de Stephan Schmidheiny]*, Zürich: Orell-Fussli; 1985. Para um esboço das condições e práticas de de saúde na fábrica de Osasco em 1983, ver artigos de Daniel M. Berman: Asbesto (Amianto) no Brasil: Ameaça à Saúde dos Trabalhadores e da População. *Trabalho e Saúde*, publicado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde (DIESAT), São Paulo, julho/agosto de 1985 (artigo de capa); Asbestos and Health in the Third World: the Case of Brasil. *International Journal of Health Services*, 2nd quarter, 1986; Amiante et Santé dans le Tiers Monde, le cas du Brésil. In Dr. Annie Thébaud- Mony (ed.) *L'Envers des Sociétés Industrielles: Approche Comparative Franco-Brésilienne*. Paris: Éditions L'Harmattan; 1990.
3. Stephan Schmidheiny. Missing the Boat on Foreign Aid. World Resources Institute, WRI Perspectives, Fev. 2000. www.wri.org/.
4. Barry Castleman. O Julgamento Criminal de Stephan Schmidheiny em Turin. Neste volume, Cap. 10.
5. Ver artigos de Adrian Knoepfli's: Beschäftigte al Manoevriermasse, Von Schmidheiny über ELEC-trowatt zu Siemens. *SMUV-Zeitung* No. 9, 26de fevereiro de 1997; Die Karten wurden neu verteilt, SKA, SBG, Elektrowatt, Schmidheiny, Winterthur, Rueck. Daz, 22 de dezembro de 1995; and Ein neues Buch Über die Schmidheiny's, Stephan, Thomas, Jacob. *Wer ist Wer?* 30 de dezembro 1994.
6. Published pela MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
7. Para uma compreensão do papel de Schmidheiny and do WBCSD, ver o brilhante mas pouco conhecido livro de Pratap Chatterjee e Matthias Finger's *The Earth Brokers: Politics, and Development*. London & New York: Routledge; 1994.
8. Ver Thorstein Veblen. *The Theory of the Leisure Class*. MacMillan; 1899, capítulo 14, "The Higher Learning as an Expression of the Pecuniary Culture," para uma divertida análise do uso de universidade em grandes negócios.
9. 1996 *Stephan Ernest Schmidheiny, Doctor of Humane Letters*, http://www.stephanschmidheiny.net/files/file/awards/E_6_3-Aw-4_Yale.pdf, download de 30 de março de 2011.
10. A citação de "Guerra invisível" é do discurso de Fernanda Giannasi ao receber o prêmio do Departamento de Saúde Ocupacional da Associação de Saúde Pública Americana em Chicago, Nov. 1999. Para considerações sobre as lutas presentes por justiça para trabalhadores do amianto e para o banimento do amianto no Brasil, vá para <http://www.ab-rea.com.br/17ingles.htm>.
11. Para notícias em inglês sobre o julgamento de Turin, procure "Asbestos in the Dock" em <http://asbestosinthedock.ning.com>; download de 11 de outubro 2011.
12. David Bank. Moral Fiber: Billionaire Activist on Environment Faces His Own Past. *Wall Street Journal*, 9 de dezembro 2002. Castleman solicitou uma entrevista com Schmidheiny, mas Schmidheiny recusou-se, conforme Castleman observou em *Asbestos: Medical and Legal Aspects*, op. cit., p. 769.
13. Em uma mensagem escrita a amigos sobre sua "miraculosa" recuperação a uma "nova vida" após o rompimento de sua aorta, Schmidheiny não desculpa-se pelo negócio que rendeu bilhões a ele e a sua família mas enviou milhares de ofegantes e sufocados funcionários a uma morte prematura. Ver: "Ein Geschenktes Leben" ["Um Presente de Vida"], por Stephan Schmidheiny, fevereiro de 2008; esta declaração foi circulada a amigos e conhecidos e parece ter sido publicada como um capítulo iniciando-se na página 233 de um livro de coautoria de René Luchinger e Ueli Burkhard, *Stephan Schmidheiny, sein langer Weg zu sich selbst [Stephan Schmidheiny: Sua Longa Viagem de Volta a Si]*, Bern, Stämpfli Verlag AG, aparentemente publicado em 2009.

4. O QUE A ETERNIT É HOJE

Adrian Knoepfli¹

O Grupo Eternit Suíço esteve sob o controle da família Schmidheiny desde 1920, sofrendo diversas reorganizações e alterações de propriedade nas últimas décadas; então, em 2003, a era Schmidheiny da Eternit finalmente terminou com a venda à Swisspor Holding.

Separação do Grupo Eternit Belga

Quando o império de Max Schmidheiny foi distribuído entre seus filhos em 1984, o Grupo Eternit Suíço passou para Stephan Schmidheiny, que dirigia a empresa desde 1975. Após Stephan Schmidheiny anunciar, em 1978, que a Eternit pararia de fabricar produtos com amianto, a empresa, para a ira do papai Max, gradualmente abandonou a produção de cimento de amianto. A estratégia usada para eliminar em etapas a produção com o amianto tinha duas partes: de um lado, os produtos contendo amianto foram substituídos por produtos sem amianto; do outro, as empresas “sujas” foram vendidas.

As quatro fábricas da Eternit na Itália, que tinha participação de mais de 20 por cento no mercado da Itália, foram vendidas ou fechadas em 1986. No final de 1988, seguiu-se a venda de participação na produção de cimento de amianto no Brasil, Bolívia e Colômbia, inclusive a purgação do Grupo de toda participação em sua última mina de amianto (no Brasil). Estes três países forneciam ao Grupo Eternit Suíço 80% de seu lucro em toda a América do Sul. O motivo dado para a venda foi que os produtos de cimento de fibra sem amianto tinham dificuldades de decolar no mercado, tornando insustentável a transição à sua produção. Por conseguinte, a participação do cimento de fibra no lucro total do conglomerado caiu de 50% para 40% (20% para produtos com amianto e 20% para aqueles sem amianto). O resto era de substitutos de cimento de fibra e outros materiais.

Em 1989, os Grupos Eternit Belgas e Suíço foram divididos. O Grupo Eternit Suíço controlava não só a empresa matriz na Suíça, mas a Eternit Alemã, a Everite na África do Sul, e afiliadas na Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras, e Arábia Saudita. O Grupo também controlava participação em negócios localizados em diversos países latino-americanos, e controlava semelhantemente 20 por cento em cada uma das entidades belgas (a CFE e a Eteroutremer) do Grupo Eternit Belga. O Grupo Belga, controlado pela família Emsens, controlou entidades da Eternit na Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha e França, e manteve participação em empresas no Zaire, Burundi, Angola, Nigéria, Argentina,

Peru, Uruguai, Chile, Brasil, Paraguai e Filipinas. Stephan Schmidheiny vendeu então suas ações nas duas entidades belgas ao Grupo Eternit Belga. A participação latino-americanos de ambos os grupos também foram divididas. Com isso, Stephan Schmidheiny prosseguiu com sua saída do amianto. Deve observar-se que os belgas estiveram bastante ativos em países onde o problema de amianto ainda não tinha despertado a consciência pública no mesmo nível que o Grupo Eternit Suíço tinha experimentado.

De Stephan Schmidheiny, via Holcim, à Swisspor

Após esse ajuste, Stephan Schmidheiny vendeu suas ações na Eternit AG, que controlava as fábricas da Eternit Suíça, a seu irmão Thomas. Sua participação em empresas estrangeiras (na Alemanha, África do Sul, América Latina e a Arábia Saudita) não foram afetadas por esta venda; elas foram transferidas para uma empresa recém formada, chamada Nueva Holding. Em 1990, suas ações na Eternit Alemã foram vendidas à Etex (o Grupo Eternit Belga renomeado), os belgas já possuindo participação majoritária na empresa alemã.

Antes da transferência de propriedade, a Eternit AG tinha passado por uma série de alterações. Em 1986 foi reestruturada como Eternit Holding AG e, simultaneamente, uma nova Eternit AG foi criado compreendendo as duas fábricas da Eternit Suíça e participação em cinco outros assuntos (não Eternit). Um ano depois, esta “nova” Eternit AG foi reestruturada como Eternova Holding e mais outra Eternit AG emergiu compreendendo somente as duas fábricas da Eternit. Foi essa Eternit AG que Thomas Schmidheiny adquiriu. Até o fim de 1989 ele tinha integrado a Eternit AG em um grupo de empresas de materiais de construção, posteriormente renomeado Cemroc, que em 1996 se tornaria uma subsidiária do conglomerado Holderbank (renomeado Holcim em 2001).

Na Suíça, o último tubo contendo amianto foi feito em 1994. Dezesesseis anos após Stephan Schmidheiny anunciar sua saída do amianto, a era do amianto acabou. A produção de tubos na Suíça cessou completamente em 1997, mas uma nova afiliada, a Etertub, foi fundada no mesmo ano para fabricar e vender tubos de cimento de fibra e materiais sintéticos na Alemanha. Também em 1997, na Eslovênia, a Eternit em uma empreendimento conjunto com a Salonit Anhovo Holding fundou a empresa Esal. Foi anunciado que o empreendimento conjunto

¹Adrian Knoepfli: Jornalista Econômico, o Zurique, a Suíça; e-mail: adrian.knoepfli@bluewin.ch Papel traduzido de alemão por Penny Milbouer

ajudaria a Eslovênia a fabricar cimento de fibra sem amianto.

O conglomerado Holcim finalmente conseguiu remover a Eternit AG em 2003 como parte de sua consolidada estratégia de concentrar-se em seu negócio principal. O motivo dado para reter a empresa por tanto tempo foi que a Eternit era um cliente importante do cimento, mas provavelmente havia também motivos sentimentais em jogo. O comprador foi a BA Holding, controlada pelo empresário Bernhard Alpstag, proprietário, junto com seu irmão Georges, do Grupo Swisspor. Em 2005, com seu novo proprietário, a Eternit AG novamente passou por uma série de reconstruções e mudanças de nome. Primeiramente, a Eternit AG transferiu as fábricas suíças para sua subsidiária Estertub (a Estertub era o novo nome da Eternit; tendo o nome comercial Estertub sido perdido em uma compra administrativa em 2003). A Estertub foi então renomeada Eternit (Schweiz) AG e a Eternit AG renomeada FibreCem Holding [1]. Todas as entidades Eternit pertencentes ao novo proprietário Bernhard Alpstag foram então fundidas na FibreCem.

Em 2006, a Eternit (Schweiz) AG criou a Stiftung Eternit-Werke Schweiz (Fundação para Trabalhos de Eternit da Suíça). Isso provê serviços principalmente de natureza financeira “para empregados ativos e antigos e suas famílias atingidos severamente pelas consequências de ter trabalhado com amianto” [2],

“Nunca uma relação”

Em outubro de 2010, a Eternit (Schweiz) AG foi assegurada de que não seria “afetada pelo julgamento em Turin.” A empresa anunciou que estava “satisfeita de que o tribunal de Turin concordara completamente com suas declarações e tinha inequivocamente desaprovado a tentativa de vários reclamantes civis de tornar a Eternit (Schweiz) AG civilmente responsável pelas ações da Eternit S.p.A.” A empresa afirmou que nem a Eternit (Schweiz) AG, nem seus proprietários tinham tido alguma relação com a Eternit S.p.A. em Gênova, e Stephan Schmidheiny nunca tinham assumido um cargo na Eternit (Schweiz) AG e nem mesmo sido acionista [3].

Grupo FibreCem: Atividades na Suíça, Alemanha, Austria, e Eslovênia

As saídas de grupos e mudanças da propriedade resultaram à restrição das operações da Eternit a suas instalações de fabricação em Niederurnen e Payerne, Suíça. Contudo, o novo proprietário logo buscou vigorosamente uma expansão no exterior, iniciada em 2009 com a aquisição dos trabalhos de cimento de fibra do conglomerado

alemão Karl Bachl, em Porschendorf, perto de Dresden. Pouco depois, ele assumiu os trabalhos da Eternit de Ludwig Hatschek AG na Áustria. A Eternit voltou às suas raízes, pó assim dizer, posto que Hatschek foi o homem que, em seus dias, tinha fundado a Eternit e tinha sido o conessor de todos os produtos de Eternit. A Ludwig Hatschek AG trouxe 455 empregados e lucros brutos de 190 milhões de francos suíços ao Grupo FibreCem, que então tinha aproximadamente 700 empregados e rendimento líquido de 160 milhões de francos suíços, e subsequentemente adquiriu empresas na Suíça, Alemanha, Áustria e Eslovênia.” Uma estratégia de produtos semelhante conecta ambos os Grupos, que até agora têm feito negócios em vários mercados geográficos,” o comprador anunciou no momento da aquisição, a qual foi publicada sob o comentário “solidariedade no mercado de cimento de fibra europeu” [4],

Em uma entrevista, Alpstag chamou sua aquisição da Eternit de “uma decisão inteligente” em retrospecto. A Swisspor queria prover a edifícios uma cobertura especial. “Isso inclui,” de acordo com Alpstag, “o telhado, fachadas, janelas e o isolamento.” A Eternit tinha uma ampla matriz de fachadas em seu programa onde antes a Swisspor tinha lacunas. A imagem do amianto conectada ao nome, ele disse, não foi um problema [5]. E o novo proprietário tinha planos para coisas até maiores: a meta, ele disse em uma entrevista ao Neue Luzerner Zeitung, era criar “uma barreira de Eternit” com fábricas na Europa do norte ao sul.” Mesmo as pessoas em Lucerna [Alpstag] sonham em filiais da Eternit na Índia, Brasil e China porque estes são os mercados de crescimento mais rápidos” [6],

Swisspor e Alpstag: Materiais de Isolamento e Janelas

O Grupo Swisspor, do qual a Eternit é parte, começou como uma pequena fábrica de cortiça em 1971, a qual os irmãos Bernhard e Georges Alpstag assumiram de seu pai. Ela fabricava materiais de isolamento feitos de espuma rígida Polystyrol expandida (EPS) e espuma rígida de Poliuretano (PUR/PIR). Em 1996, os irmãos Alpstag adquiriram sua primeira fábrica de janelas com a compra da Kufag, que foi logo seguida pela aquisição da Dörig Fenster (1999) e da Herzog Fenster (2003). A Swisspor perdeu na competição para comprar o principal fabricante suíço, a EgoKiefer. Em 2011, a Swisspor, agora sob a marca registrada de Swisswindows, manteve o segundo lugar, atrás da EgoKiefer, no mercado suíço de janelas feitas de materiais sintéticos.

Em 1998, a Swisspor - chamada Alcopor no momento - expandiu no mercado alemão com seu material de isolamento, e realizou uma oferta pública [7]. Então, já em 2001, a companhia

foi retirada da lista. Esse breve interlúdio foi acompanhado pela aquisição da afiliado europeia do gigante de materiais de construção dos Estados Unidos, a Owens Corning, que tinha buscado a proteção do Capítulo 11 em 2000, tendo tornado-se insolvente devido a danos civis compensados em litígios por amianto, e a venda da Alcopor ao Grupo German Knauf (produtos de gesso). Foram excluídas desta transação as divisões da Alcopor de espuma rígida e selante de alcatrão de telhados assim como fábricas de janela, que foram transferidas para a Swisspor Holding que Bernhard Alpstätig tinha restabelecido em 2002; Knauf assumiu a divisão de fibra de lâ mineral (fibra de vidro de lâ de rocha) - que já pertencera à Owens Corning; e o nome da Alcopor Holding foi alterado para Knauf Insulation Holding [8]. Todas essas ações são, além disso, filtradas fora do histórico da empresa em seu site de internet - provavelmente porque tumultuam o alto da linha narrativa. A partir do final da década de 1990 a (nova) Swisspor focou na expansão ao exterior no mercado crescente da Europa Oriental. Em 1999, ela ativou fábricas de materiais de isolamento na Polônia e na Romênia; em 2002, uma segunda, então uma terceira em 2004 e uma quarta planta em 2008 na Polônia. Ela adquiriu a Prima Bau und Dämmsysteme (construção e materiais de isolamento) com três fábricas na Áustria em 2006 e em 2008 outra fábrica na Romênia [9], o rápido crescimento nos últimos anos é evidente nos números: o Grupo Swisspor, que se gabava de ser “o principal especialista para envelope de construção do futuro” com 26 fábricas em seis países europeus e 2.800 empregados, tinha um volume de negócios em 2009 de um bilhão de francos suíços. Para publicidade, a Swisspor confia no futebol: ela comprou os direitos de nome do novo estádio da FC Luzern por 5 milhões de francos suíços; o nome será Swissporarena. A empresa também patrocina a equipe de futebol de Lucerne com serviços adicionais ao custo de mais outros 5 milhões de francos suíços [10].

Bernhard Alpstätig é um chefe da velha guarda, casual e antissindicato [11], e um crítico da ênfase em lucros a curto prazo praticados pelos gerentes de hoje. “Nossos lucros são reinvestidos, não retirados,” disse Alpstätig. Sua meta, ele disse, nunca foi sentir-se em dívida de gratidão com um banco, e por isso a Swisspor não foi listada (não mais) na bolsa de valores. Seu irmão Georges, entretanto, retirou-se das operações cotidianas [12].

Maio de 2011

Referências

1. Ver www.eternit.ch.
2. Ver www.eternit.ch. Mais detalhes sobre a fundação podem ser encontrados aqui.
3. Press release da Eternit, 18 de Out de 2010.
4. Press release da Swisspor, 6 de março de 2009, e 29 de maio de 2009, Neue Zürcher Zeitung, 30 de maio de 2009.
5. Claudia Kock Marti, “Die Übernahme der Eternit war ein kluger Entscheid,” Südostschweiz am Sonntag, Sep. 26, 2010. Para uma versão mais detalhada da visão atual da Eternit quanto ao problema do amianto ver “Asbest ist ein dunkles Kapitel der Industriegeschichte,” Interview with Anders Holte, CEO of Eternit Schweiz in Maria Roselli, Die Asbestlüge. Geschichte und Gegenwart einer Industriekatastrophe. Zürich; 2007, pp. 131-137.
6. Charly Keiser, “Der Patron regelt seine Nachfolge,” Neue Luzerner Zeitung, Apr. 9, 2011.
7. Aron G. Papp, “Alcopor hat viel vor,” Tages-Anzeiger, Jun. 25, 1998.
8. Georges de Breguy, “Wolle gegen den Ölschock,” Handelszeitung, No. 39, Sep. 27, 2000. Ver também www.baustofimarket-online.de, 10 de outubro de 2000; Neue Zürcher Zeitung, 14 de setembro de 2002; Bilanz, 12/2002; Bilanz, 12/2003. Também Handelsregisteramt Kanton Zug, entrada Swisspor Holding AG, e Handelsregister Kanton Nidwaiden, entrada Knauf Insulation Holding, AG.
9. Ver www.swisspor-gruppe.ch.
10. Neue Zürcher Zeitung, 13 de dezembro de 2008, e Beat Matter, “Spitzenspiel in Luzern,” die baustellen, 02/2011.
11. Bilanz, 7/2001.
12. Claudia Kock Marti, “Die Übernahme der Eternit war ein kluger Entscheid,” Südostschweiz am Sonntag, 26 de setembro de 2010. Flavian Cajacob, “Bernhard Alpstätig, Hart sein mit sich anstatt zu jammern,” Handelszeitung, No. 34, 19 de agosto de 2009. Andreas Flütsch, “Krise? Patron Bernhard Alpstätig baut aus,” Tages-Anzeiger, 18 de março de 2009. Sarah Kohler, “Ich denke in Dekaden,” Interview with Bernhard Alpstätig, Neue Luzerner Zeitung, 10 de junho de 2009. Bernhard Raos, “Erfolgreiche Schaumschläger,” Bilanz, 4/1999.